

## Apresentação

### Migrações: Novas abordagens discursivas

Marluza da Rosa (Universidade Federal de Santa Maria)

Laura Calabrese (Universidade Livre de Bruxelas)

Glucia Muniz Proença Lara (Universidade Federal de Minas Gerais)

Nos últimos anos, uma abundante literatura tem sido produzida acerca dos discursos sobre as migrações. Nos campos das ciências da linguagem e da comunicação, o interesse tem recaído principalmente sobre os enquadramentos midiáticos (Holmes, Castañeda, 2016; Berry, Garcia-Blanco, Moore, 2016; Fábíán, 2023), as denominações (Zetter, 2007; Baker *et al.*, 2008; Calabrese, Veniard, 2018; Calabrese, Gaboriaux, Veniard, 2022), o discurso político (Van Leeuwen, Wodak, 1999; Bennet, 2018) e as interações entre o discurso político-institucional e as práticas de acolhimento (Boswell, Geddes, Scholton, 2011; Cantat, Thiollet, Pécoud, 2019), numa perspectiva, sobretudo, europeia ou eurocentrada. Este número da *Fragmentum* procura abordar os discursos sobre as migrações a partir de ângulos que têm sido ainda pouco explorados nas pesquisas existentes: discursos sobre as migrações nos países ditos do Sul Global, discursos sobre as migrações em uma perspectiva diacrônica e narrativas de sujeitos que não se inserem nos discursos hegemônicos, como é o caso das histórias de vida.

Na maior parte dos estudos sobre as migrações em análise de discurso, as histórias de vida costumam estar ausentes, o que parece dizer mais sobre os quadros teóricos mobilizados do que sobre um possível desinteresse de pesquisadores e pesquisadoras. Se o olhar para as narrativas individuais de migrantes está, pelo contrário, muito presente em áreas como a sociolinguística (conferir, por exemplo, o trabalho de Canut *et al.*, 2018), tais narrativas também podem encontrar lugar nas perspectivas discursivas, uma vez que produzem uma memória dos acontecimentos, funcionando em paralelo àquela construída pelos discursos institucionais. Todavia, por se tratar de uma abordagem singular de um amplo fenômeno sócio-histórico, essa aposta demanda procedimentos de análise adaptados, a fim de que possa ganhar espaço em uma disciplina que, ao menos nestas últimas décadas e em determinados recortes, tende a se mostrar atraída pelos grandes *corpora*.

A mesma reflexão metodológico-analítica vale para a leitura dos *corpora* registrados em espaços institucionais menos acessíveis e/ou menos mediatizados, como, por exemplo, os discursos escolares que, no entanto, estão muito ligados ao fenômeno migratório. As escolas, as repartições administrativas e outras instituições que recebem e trabalham diretamente com pessoas migrantes/refugiadas se mostram lugares importantes de produção de representações. Neste dossiê, a questão é abordada em relação a [crianças provenientes da migração venezuelana, alvo de discursos nacionalistas no Brasil.](#)

A análise desses discursos, em outros locais que não os países ricos, abre caminho à observação da circulação de imaginários em contextos sociopolíticos diferentes. De fato, se formações discursivas xenófobas são frequentemente objeto de estudos na Europa ou em países como os Estados Unidos e a Austrália, são ainda muito pouco exploradas na América Latina, que, no entanto, passou de uma recepção aberta aos venezuelanos para uma política migratória restritiva e uma recepção mitigada (Acosta; Freier, 2023). Como apontam os autores, as pesquisas sobre as migrações reproduzem o viés Norte-Sul.

Ao contrário, neste número, compreendemos que as representações produzidas a partir dos países do chamado Sul Global, como é o caso do Brasil, permitem descentralizar a visada eurocêntrica e observar a migração, sobretudo, como um evento mundial, embora apreendido localmente. Também é possível, com esse olhar por outros ângulos, refletir sobre o modo como o que se compreende por migrações, migrantes e refugiados é passível de transformação conforme a época, o lugar, as condições e os discursos em circulação e diálogo, na medida em que políticas distintas são implementadas ou reforçadas por autoridades nacionais e mesmo internacionais. A esse respeito, podemos indagar sobre a quase ausência de mediação da crise venezuelana nos países ricos, a qual, no entanto, provocou o deslocamento de oito milhões de pessoas, das quais seis milhões para países da América Latina e do Caribe (García, 2023).

A migração venezuelana na América Latina tem sido um terreno fértil para a observação da fábrica de categorias migratórias, visto que instâncias administrativas têm frequentemente contornado o estatuto jurídico de refugiado para conceder autorizações de residência temporária, ou invocado a Declaração de Cartagena sobre os Refugiados (1984), que expande esse estatuto para além do que está previsto na Convenção de Genebra. A criação, pelo ACNUR, de uma categoria como “pessoas venezuelanas deslocadas fora do seu país” é, nesse sentido, comparável ao estatuto de proteção temporária concedido aos ucranianos, na medida em que são considerados uma categoria à parte de outros solicitantes de asilo.

Outros *corpora* pouco explorados e que dizem do fenômeno migratório têm sido aqueles que reúnem obras de arte narrativas (com exceção das obras televisivas, cujo estudo goza de uma longa tradição no campo semiótico). Frequentemente, essas obras figuram pouco nas ciências da linguagem, particularmente nas análises discursivas que prestam especial atenção aos discursos políticos, midiáticos e do senso comum, os quais são vistos como possuindo um papel estruturante na sociedade. No entanto, o cinema e a literatura são bons marcadores da “estrutura de sentimento” de uma época, segundo a noção de Raymond Williams (1976), a qual supostamente captaria novas hegemonias emergentes, pouco visíveis no discurso social. Aqui, essas narrativas são analisadas em documentários produzidos sobre pessoas migrantes/refugiadas em diferentes lugares do mundo e por óticas também diversas.

Os artigos contemplados neste dossiê, assim, abrem espaço para um estudo mais apurado sobre a relação entre eus (nós) e outros, tendo em vista nuances socioeconômicas, culturais e subjetivas. Se noções como empatia e precariedade/precarização tendem a circular ampla e irrefletidamente nas mídias sociais digitais e jornalísticas, em alguns dos textos deste número essas noções recebem contornos teóricos que redefinem seus efeitos de sentido e sua potencialidade para a compreensão do fenômeno migratório e, conseqüentemente, da relação entre eus (nós) e outros. Podemos pensá-las rememorando as palavras de Pelbart (2018), ao propor uma indagação, não sobre o empatizar, mas sobre o simpatizar.

O que é simpatizar? Alguns diriam, é acolher o outro, na sua identidade, e reconhecer uma certa identidade de fundo com esse outro. Isso pode ser bonito, e até necessário, mas também tem seus riscos - se aceito o outro na sua identidade visível, ele está fadado a sustentar e reiterar aquilo que eu lhe atribuo ou que ele mostra. Mas há outra ideia de simpatia, que vai além desse reconhecimento da alteridade, e também além dessa ideia um pouco trivial, embora necessária, claro, de que somos todos humanos. Simpatizar é simpatizar não só com o outro, mas com o seu movimento, com sua deriva, com o seu devir, inclusive com o devir-outro do outro, acompanhá-lo na sua movência, mesmo ali onde ele se livra dele mesmo, ou das amarras de sua identidade (Pelbart, 2018, p. 3).

Não raro simpatizamos, e pensamos ter empatia, com um outro que nada mais é do que efeito de nosso próprio imaginário: outro-estrangeiro destituído, em falta (Andrade, 2021), imagem que lhe atribuímos ou que pensamos ver, principalmente em momentos específicos, que aglutinam a produção imaginária sobre a (i)migração, tais como a chegada em um país ou a travessia das fronteiras. Nas tentativas de compreender e de lidar com o diferente, é uma imagem fixa da alteridade que se instaura. É contra essa imagem que Emediato constrói discursivamente a noção de empatia, um convite a pensar, “deslocando-se do seu próprio lugar, de não imigrante ou de suposta vítima da imigração”.

Os discursos nacionalistas, notadamente difundidos no cenário político nos últimos anos, reiteram a relação entre a questão migratória e a ameaça da qual seríamos vítimas potenciais, em que se reatualiza a figura do (i)migrante tanto como sujeito fragilizado e precarizado, demandando assistência de instituições governamentais e ONGs, quanto como intruso, indesejado, que usurparia direitos específicos dos nacionais, além de seus postos de trabalho.

No processo de produção de um contradiscurso, a figura idealizada do (i)migrante que busca por melhores condições de vida passa a ser exaltada. Esses discursos, validados em diversas esferas midiáticas, tendem a se consolidar como lugar comum e chave de leitura do fenômeno migratório. Tal perspectiva axiológica das migrações, como boas ou ruins, prejudiciais ou benéficas aos países de destino, geralmente se faz pelo olhar de quem se considera inserido no território e nas redes sócio-históricas e econômicas. Esse olhar também classifica certos sujeitos como refugiados mais legítimos (ou inquestionavelmente refugiados) do que outros, como sinalizam Calabrese, Balty, Mistiaen e Van Neste-Gottignies, em seu estudo comparativo entre o discurso midiático sobre pessoas ucranianas e sobre pessoas sírias, grupos que se deslocaram em razão de conflitos armados.

É desse lugar, desse lado de dentro, que se constroem os discursos institucionais (Barbou des Places, 2010; Da Rosa, 2021), como o jurídico, por exemplo, que solidificam sentidos sobre as migrações, categorizando sujeitos em conformidade com suas supostas razões de partida e justificativas de permanência (Lochak, 2006; Withol de Wenden 2010; Fleury-Graff, 2019). Essa categorização institucionalizada dos sujeitos em migração já foi amplamente discutida, e seu caráter de palavra final sobre o fenômeno, principalmente neste século, questionado (Agier, Madeira, 2017; Da Rosa, 2021). Sintetizando parte desse debate, Lara (2021, p. 30) afirma que “na prática, os limites entre os termos migrante e refugiado, bem como as categorias de indivíduos a que remetem, são bastante tênues e sujeitos a flutuações”.

Daí a relevância de se analisarem as produções discursivas dos(as) próprios(as) (i)migrantes, sujeitos cujos discursos, na maioria das vezes, são produzidos a partir de situações de enunciação não hegemônicas. Para Andrade e Gomez, no texto que compõe este número, “trazer à tona a narrativa do migrante faz com que ele atrele a memória individual à memória de grupo, produzindo um arquivo da história desses sujeitos, cuja existência é despercebida na maioria das vezes”.

Logo, fomentar análises e discussões sobre discursos outros, a fim de compreender em que medida e de que forma(s) esses sujeitos se adequam ou resistem às lógicas dominantes tem sido uma via potencial de pensar, deslocando-se, pela perspectiva do discurso. Como destaca o artigo de Arcanjo e Lara, “os ‘líderes’ não poderiam oferecer testemunhos, pois isso é uma prerrogativa de quem vivencia o trauma”. Nesse sentido, as narrativas de vida (Sarabia, 1985; Bertaux, 2005; Lara, 2021, 2023; Sant’Ana, 2022), o falar de si, a autonarrativa, são corpora profícuos para o questionamento dos discursos vistos como sempre verdadeiros, em busca de escutar verdades subjetivas, testemunhos, que se estruturam a partir de certas doses de ficção.

Essas narrativas se tecem, muitas vezes, com línguas e sujeitos em luto, mas para quem lutar se configura como forma de elaborar as perdas; faltas, vazios que não são atributos apenas do ser migrante, mas da condição de sujeito que se diz e é dito pela linguagem, por entre línguas. Como apontam Mattos e Stübe, trata-se da “perda do ideal monolíngue”. O que é característico do ser migrante, ao menos como vemos no Brasil e de que dão conta outros textos deste dossiê, é o enfrentamento a formas entrecruzadas de violência, em que se destacam a violência racial e a de gênero, constantemente embaladas pela xenofobia, como analisou Ribeiro (2022). Violências essas que visam a silenciar e a aniquilar o outro, a outra língua, o outro corpo, ainda que apresentadas como formas de ensinar ou de integrar. A ocorrência de manifestações de racismo direcionadas a pessoas migrantes em um país como o Brasil – de cuja população, conforme o censo de 2022, mais de 20 milhões de pessoas se afirmam pretas e mais de 92 milhões se declaram pardas – não é evidente. Contudo, as práticas de uma xenofobia racializada no país (Faustino, Oliveira, 2021) podem ser vistas não só como herança de um longo processo de naturalização de categorias raciais coloniais, mas também como desdobramentos posteriores de formas próprias de reforçar as diferenças pela sobreposição de marcadores de racialização e de nacionalidade.

Assim, são produzidos “sentidos sobre as fragilidades a que estão submetidas as pessoas em condição de refúgio”, como afirmam Deusdará e Xavier em seu escrito; sentidos estes que se solidificam, também, por “ressonâncias discursivas” sobre o outro-(i)migrante, as quais reverberam nas dinâmicas, ditas de acolhimento, que incidem sobre modos possíveis e impostos de ser e de dizer, como Lucena desenvolve em seu artigo. Não à toa, diante desse cenário hostil, os discursos dos e sobre os (i)migrantes também os projetam como sobreviventes, resilientes e/ou empreendedores, mobilizando determinados traços valorizados socialmente nos países de chegada. Como destacam Da Rosa e Ribeiro, “na condição de imigrante, entre a exploração explícita e a promessa de liberdade, o empreender parece ser o percurso menos difícil de validação/integração pelo trabalho”.

O conjunto de textos do dossiê *Migrações: novas abordagens discursivas* inicia com o artigo *Questão migratória em discursos políticos: empatização e descentramento*, no qual Wander Emediato explora a dimensão política do fenômeno migratório, trazendo para o campo discursivo a noção de empatia. Para

o autor, “empatizar com a questão migratória [...] significa expressar um ponto de vista mais complexo, com centros de referência múltiplos”. Em sua abordagem, Emediato analisa os dizeres de sujeitos políticos de países como França e Estados Unidos, de modo a refletir sobre a relação, estabelecida no discurso, entre imigração e mobilidade empática. Nesses dizeres, é possível identificar posturas antitéticas que tendem, a depender do espectro político, à empatização ou à não empatização.

Em seguida, o artigo de Fábio Arcanjo e Glaucia Lara, intitulado *Fluxo humano: um olhar sobre os refugiados no mundo*, toma como ponto de partida para sua reflexão o documentário *Human Flow*, traduzido para o português como *Não existe lar se não há para onde ir*. Ao considerar as características e o funcionamento do gênero documentário, os autores entendem os modos participativo e reflexivo, propostos pelo cineasta Ai Weiwei, como uma forma de convocar o espectador a entrar na cena, a se identificar com refugiados(as) do mundo inteiro, representados(as) no documentário por pessoas de 14 países, bem como a tomar consciência acerca da realidade abordada. Além disso, Arcanjo e Lara mobilizam a Semântica Global como dispositivo de análise das narrativas de vida apresentadas pelo texto fílmico, observando, dentre outros aspectos, a construção enunciativa da resiliência como característica dos(as) refugiados(as).

Em *Migração e direito ao trabalho: uma análise discursiva da série “Ser Brasil - Migrantes e Refugiados”*, Marluza da Rosa e Jocenilson Ribeiro também se voltam à análise do discurso fílmico, problematizando o modo como o valor trabalho é construído ao longo da série referida no título. Os autores abordam a relação intrínseca entre migração e trabalho, compreendendo que este é construído não só como um direito, mas também como uma condição para que o (i)migrante seja tolerado, desde que capacitado para trabalhar. Nessa esteira, abrem espaço para a reflexão sobre a precariedade das condições de trabalho, ressignificada pela iniciativa empreendedora, em um cenário político e econômico regido pelos ideais neoliberais.

Eliane de Andrade e Francesca Gomez, no artigo *Ser-estar entre línguas e culturas: vivendo como um migrante no Brasil*, propõem o olhar para a autonarrativa, ou narrativa de si, como possibilidade de se produzir conhecimento sobre a questão identitária em relação a grupos minorizados. As autoras exploram o funcionamento da noção de memória (discursiva) na construção de um “être” entre línguas e culturas, um ser/estar que se produz de forma dividida e multifacetada. Considerando a intersecção de aspectos como gênero, raça e classe, Andrade e Gomez analisam excertos de uma autonarrativa que apontam para o entrelugar da (i)migrante, mulher negra no Brasil, como um contraespaço, marcado de forma singular nas e pelas línguas que a constituem sujeito.

A (trans)formação entre línguas também é foco do estudo de Luan de Mattos e Angela Stübe, intitulado *O que ficou para trás: o luto da língua*, em que os autores refletem sobre a possibilidade de uma mudança subjetiva propiciada por situações de mudança linguística. Ao abordarem a problemática do luto e da perda, Mattos e Stübe oferecem uma perspectiva outra sobre essa dimensão, analisando fragmentos de uma carta de Freud e de uma entrevista com um imigrante no Brasil. Desse modo, ao compreenderem que a língua é sempre do Outro, sugerem que a perda diz respeito à ilusão de que essa língua possa ser una, totalizável.

No âmbito midiático, principalmente nas mídias europeias e nas redes sociais digitais, desde

fevereiro de 2022, muitas vozes se elevaram para denunciar o tratamento diferenciado destinado à população ucraniana em comparação com os refugiados não europeus, enquanto segmentos do discurso político justificaram a abordagem diferente pela proximidade cultural. Esse momento discursivo, dominado pela comparação entre a crise ucraniana e a crise síria, é lido por Calabrese, Balty Mistiaen e Van Neste-Gottignies em referência ao interdiscurso da crise migratória de 2015. Com o objetivo de investigar a intuição de que os ucranianos foram considerados refugiados merecedores e de examinar os argumentos que sustentam essa perspectiva, Calabrese, Balty, Mistiaen e Van Neste-Gottignies analisam um amplo *corpus* da imprensa escrita, produzido em línguas diferentes (francês e holandês) e em países limítrofes (Bélgica, França e Países Baixos). Assim, concluem que o discurso do tratamento diferenciado, que circulou no meio social após a recepção supostamente mais favorável dos refugiados ucranianos, não reflete exatamente as políticas migratórias europeias, que atribuíram um espaço considerável aos deslocados da guerra da Síria.

Também com base no cenário midiático, o artigo “*É muito difícil de acreditar*” - *sentidos, práticas e violências na integração local a refugiados no Brasil*, de Bruno Deusdará e Priscila Xavier, discute, a partir da repercussão do assassinato de Moïse Kabagambe, os sentidos em circulação acerca do refúgio e das pessoas que vivenciam essa situação no Brasil. Com base no que nomeiam de uma cartografia e em defesa de políticas públicas que garantam direitos sociais, os autores partem do pressuposto de que a prática de analistas de discurso implica uma dimensão de cientistas sociais. Assim, pela mobilização da noção de interdiscurso, analisam as vozes que atravessam e constituem o discurso sobre os(as) refugiados(as), em que se destacam a relação entre refugiado e foragido, bem como a precarização das condições de trabalho e a fragilização das pessoas em situação de refúgio, regularidade que também é abordada em outros trabalhos deste número.

A precariedade, desta vez construída pelo discurso sobre estudantes venezuelanos(as), também ressoa no texto *Narrativas do acolhimento? Efeitos de sentido, silenciamento e o sujeito migrante*, de Camila Lucena. Voltada ao espaço escolar e compreendendo a escola como um possível lugar discursivo de acolhimento, a autora analisa dizeres de duas professoras de uma escola pública, em que ressonâncias interdiscursivas permitem questionar o *discurso* sobre, bem como a instauração da escola como lugar de interdição da língua espanhola e de tentativa de imposição de uma língua única, o português.

É a partir do campo do ensino de português, desta vez como língua de acolhimento, que foi desenvolvida a tese “*A migração de venezuelanos para o Brasil: representações sociais e imaginários (socio) discursivos em narrativas de vida e textos jornalísticos*”, de Maíra Sant’Ana (2022), apresentada aqui pela leitura de Eduardo Franco. O autor salienta, em sua resenha, a importância da análise de discurso – área com a qual a tese em questão, bem como este número da *Fragmentum* busca contribuir – para a compreensão de problemas sociais. O autor também dá destaque ao *corpus* analisado por Sant’Ana, narrativas de vida e textos midiáticos, escolha que é compartilhada, de uma maneira ou de outra, pelas pesquisadoras e pesquisadores, cujos estudos compõem este dossiê.

Desse modo, apresentamos ao público leitor um conjunto de pesquisas que se propõe a examinar os discursos sobre as migrações em uma perspectiva global, atenta à diversidade social, bem como às transformações dos discursos no tempo e no espaço. Desejamos que a leitura incite reflexões outras,

com novos fios condutores e possibilidades de ressignificação. Agradecemos aos autores e autoras que se sentiram convidados a dialogar conosco nesta proposta, bem como à Revista *Fragmentum* por ser espaço de produção e circulação de saberes.

## Referências

ACOSTA, D.; FREIER, L. F. Expanding the Reflexive Turn in Migration Studies: Refugee Protection, Regularization, and Naturalization in Latin America. *Journal of Immigrant & Refugee Studies*, v. 21, n. 4, 2023, p. 597-610. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15562948.2022.2146246>. Acesso em: 25 jan. 2024.

AGIER M.; MADEIRA, A.-V. (orgs.). **Définir les réfugiés**[MD1] . Paris: PUF, 2017.

ANDRADE, E, R. O entre-espaço ocupado pelo migrante (des)acolhido: entre a hospitalidade e a hostilidade. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, 2021, p. 289-309. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1919>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BARBOU DES PLACES, S. Les étrangers “saisis” par le droit : Enjeux de l’édification des catégories juridiques de migrants. *Migrations Société*, n. 128, 2010, p. 33-49. Disponível em: <https://documentation.insp.gouv.fr/insp/doc/CAIRN/ b64 b2FpLWNhaXJuLmluZm8tTUIHUKFfMTI4XzAwMzM%3D/les-etrangers-saisis-par-le-droit-nbsp-enjeux-de-l-edification-des-categories-juridiques-de-migrants? lg=fr-FR>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BAKER, P. et al. A useful methodological synergy? Combining critical discourse analysis and corpus linguistics to examine discourses of refugees and asylum seekers in the UK press. *Discourse and Society*, v. 19, n. 3, 2008, p. 273-306. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926508088962>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BENNETT, S. New “crises”, Old habits: Online interdiscursivity and intertextuality in UK migration policy discourses. *Journal of Immigrant & Refugee Studies*, v. 16, n. 1-2, 2018, p. 142-162. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15562948.2016.1257753>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BERRY, M.; GARCIA-BLANCO, I.; MOORE, K. **Press coverage of the refugee and migrant crisis in the EU**: A content analysis of five European countries. Report prepared for the United Nations High Commission for Refugees (December 2015), 2016. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/press-coverage-refugee-and-migrant-crisis-eu-content-analysis-five-european-countries>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BERTAUX, D. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 2005.

BOSWELL, C.; GEDDES, A.; SCHOLTON, P. The Role of Narratives in Migration Policy-making: A Research Framework. *British Journal of Politics and International Relations*, n. 13, 2011, p. 1-11. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-856X.2010.00435.x>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CALABRESE, L.; GABORIAUX, C.; VENIARD, M. (orgs.). Migration et crise, une cooccurrence encombrante. *Mots. Les langages du politique*, n. 129, 2022. Disponível em: <https://journals>.

[openedition.org/mots/29755](https://openedition.org/mots/29755). Acesso em: 25 jan. 2024.

CALABRESE, L.; VENIARD, M. (orgs.). **Penser les mots, dire la migration**. Academia: Louvain-la-Neuve, 2018.

CANTAT, C.; THIOLLET, H.; PÉCOUD, A. **Migration as crisis**. Framework paper. 2020. Disponível em: <https://www.magyc.uliege.be/upload/docs/application/pdf/2021-09/d3.1-v2-april-2020-1.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CANUT, C.; DANOS, F.; HIM-AQUILI, M.; PANIS, C. **Le langage, une pratique sociale**. Éléments d'une sociolinguistique politique. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2018.

DA ROSA, M. Nomeação, categorização, subjetivação: um olhar sobre as práticas de acolhida a pessoas refugiadas no discurso institucional e no ensino superior. In: SOARES, T. B; CRUZ, M. S; COITO, R. F. (Org.). **Novas Fronteiras em Análises do Discurso**: objetos outros. Campinas: Pontes, 2021, v. 1, p. 265-286.

FÁBIÁN, A. (org.) **The representation of refugees and migrants in European national media discourses from 2015 to 2017: A Contrastive Approach** (Corpus Linguistics). Berlin, Heidelberg: J.B. Metzler, 2023.

FAUSTINO, D. M.; OLIVEIRA, L; M. Xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU**, n. 29, v. 63, p. 193-210, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/WhQNMSS8L6RsKwVWkFR68tg/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FLEURY-GRAFF, T. Les “catégories” de migrants. **Questions internationales**, n. 97, 2019, p. 24-33. Disponível em: <https://www.vie-publique.fr/parole-dexpert/271045-les-categories-de-migrants-refugies-etudiants-sans-papiers>. Acesso em: 25 jan. 2024.

GARCÍA, S. **Estudio sobre migración venezolana reciente en Argentina**. Dirección Nacional de Población, 2023. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/files/2023/12>. Acesso em: 25 jan. 2024.

HOLMES, S. M.; CASTAÑEDA, H. Representing the “European refugee crisis” in Germany and beyond: Deservingness and difference, life and death. **American Ethnologist**, v. 43, n. 1, 2016, p. 12-24. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/amet.12259>. Acesso em: 25 jan. 2024.

LARA, G. M. P. **Vivendo do outro lado do Atlântico**: histórias de brasileiros em Portugal. Coimbra: Grácio Editor, 2021.

LARA, G. M. P. **Entre experiências e memórias**: narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa. Campinas: Pontes 2023.

LOCHAK, D. Invention et usage des catégories juridiques dans les processus de radicalisation. L'exemple de l'immigration. In: A. COLLOVALD; B. GAÏTI (orgs.). **La démocratie aux extrêmes**. Sur la radicalisation politique. Paris: La Dispute, 2006, p. 133-152.

PELBART, P. Negros, judeus, palestinos: do monopólio do sofrimento. **Percursos**, v. 30, n. 60, p. 1-5,



jun. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psa-4452>. Acesso em: 25 jan. 2024.

RIBEIRO, J. **Xenofobia e intolerância linguística**: discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira. Campinas: Pontes, 2022.

SANT'ANA, M. **A migração de venezuelanos para o Brasil**: representações sociais e imaginários (socio)discursivos em narrativas de vida e textos jornalísticos. Tese de doutorado, UFMG, 2022, 363 f.

SARABIA, B. Historias de vida. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 29, 1985, p. 165-186. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=250539>. Acesso em: 25 jan. 2024.

VAN LEEUWEN, T.; WODAK, R. Legitimizing immigration control: A discourse-historical analysis, **Discourse Studies**, v. 1, n. 1, 1999, p. 83-118. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461445699001001005>. Acesso em: 25 jan. 2024.

WILLIAMS, R. **Marxism and Literature**. New York: Oxford University Press, 1976.

WITHOL DE WENDEN, C. Le glissement des catégories de migrants. **Migrations Société**, v. 2, n. 128, 2010, p. 193-195. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2010-2-page-193.htm>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ZETTER, R. More labels, fewer refugees: Remaking the refugee label in an era of globalization. **Journal of Refugee Studies**, v. 20, n. 2, 2007, p. 172-192. Disponível em: <https://academic.oup.com/jrs/article-abstract/20/2/172/1539814?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 25 jan. 2024.